

PERGUNTAR OFENDE? AS CONSULTAS NA REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, DE LAUDELINO FREIRE (1920)

OLIVEIRA, Izabel Cristina Santana.

[Belliviera@yahoo.com.br](mailto:belliviera@yahoo.com.br)

DONALD, Angélica Vieira. (orientadora)

Graduada em Pedagogia Universidade Federal de Sergipe-UFS, Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela ABEC/BA.

GALLY, Christianne de Menezes.(co-orientadora)

Graduada em Letras, Especialização em Língua Portuguesa, Mestre em História da Educação, Especialista de Língua Portuguesa FUNDESCOLA/FNDE/MEC, prof^a do curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes-UNIT e do curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe-UFS.

Chrisfreitasgally@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar a seção de consultas da revista de língua portuguesa, dirigida por Laudelino Freire e publicada em 1920.

A Revista de Língua Portuguesa dirigida por Laudelino Freire apresentava não só artigos relativos a nossa língua, mas também uma seção dedicada aos leitores para que eles pudessem tirar suas dúvidas.

Percebe-se também, muitas vezes, que era uma maneira de se saber quais eram as objeções ou as dúvidas mais recorrentes entre os brasileiros.

Os membros da Revista, juntamente com seu diretor responderam às questões propostas, sempre referindo à nossa norma culta, ou ao purismo lingüístico.

O período analisado neste artigo foi publicado em 1920, o que nos leva a crer que havia uma política de respeito ao uso popular da língua e que a Revista fora utilizada como veículo de resistência a esta política.

PERGUNTAR OFENDE? AS CONSULTAS NA REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA, DE LAUDELINO FREIRE (1920).

Este artigo tem com objetivo a seção de consultas da Revista de Língua Portuguesa publicada em 1920, sob a direção de Laudelino Freire. O objetivo é analisar as dúvidas mais frequentes expostas nesta seção acerca do bom uso da língua portuguesa e compreender as preocupações e os desafios enfrentados pelos estudiosos da época. Tentando livrar-se do temor do erro, estudiosos encaminhavam suas dúvidas para que pudessem ser esclarecidas pelos colaboradores da revista, sendo esses considerados mestres da língua.

A REVISTA

A Revista de Língua Portuguesa dirigida por Laudelino Freire, editada a partir de 1919, constituída ao todo de 68 volumes, publicados de forma bimestral. Além de outras seções que tratavam de escritos sobre a língua portuguesa, havia uma seção de consultas na qual leitores interessados em falar bem e ter conhecimento na forma correta de escrever, enviavam suas perguntas à revista. Para atender aos leitores, Laudelino Freire contava com alguns lingüistas, gramáticos, filólogos, que além de apresentar suas críticas, seus artigos, se dispunham a responder às perguntas encaminhadas pelos leitores.

No todo, a revista tratava não somente de comentários sobre a língua Portuguesa, ela também procurava com a forma culta e conservadora que vários estudiosos discutiam a cada volume. Detendo-se ao ano de 1920, temos seis volumes distribuídos da seguinte maneira:

Bimestre	Quem escreve	Colaborador	Dúvida
Janeiro / Fevereiro	Um estudante	João Ribeiro	Terminação Verbal
Março / Abril	Remetida somente com as iniciais F. S.	Mário Barreto	Uso das preposições a e em. Uso do advérbio inclusive. Flexão verbal. Uso da flexão nele em relação a quem fala ou ao objeto falado. Pleonasma. Derivação. Ocorrência de silepse. Origem da palavra fornecer.
Maio / Junho	Madalena	Mário Barreto	Emprego de palavras. Significado de palavras. Flexão verbal. O sentido do “que” em algumas frases. Derivação.
Julho / Agosto	José Bernardino Tavares	Mário Barreto	Uso do a ou em para indicar lugar. Comentários sobre a obra de Duarte Nunes de Leão. Origem da palavra unido (galicismo). Sufixo Adjetivo pátrio (Buenos Aires) Forma correta (terremoto / terramoto) Por quê a forma correta é simultânea.
Setembro / Outubro	Rui Gomes de Azevedo	Mário Barreto	Forma correta de escrever: Faustoso Lugar de origem da palavra amistoso Sufixos terminados em ejar e ear Emprego da preposição “de” Onomatopéia A forma correta de dizer: dar ou fazer uma queda Uso de algumas preposições, entre elas do “de” no lugar de “ao” ou “contra”
Novembro / Dezembro	Sr. J. F. Walter Peter Um assinante Leitor constante C. B.	Laudelino Freire	Concordância verbal Uso do artigo definido Estudo sobre infinito pessoal e impessoal

Percebe-se, ao observar o quadro, que as dúvidas se dividem em várias áreas do estudo da gramática. Os leitores procuravam esclarecer o que muitos gramáticos complicavam em suas explanações sobre ortografia, sintaxe e morfologia, o que não é diferente se fizermos um estudo com gramáticas atuais.

Laudelino Freire, bem como seus colaboradores buscavam com a revista a melhor maneira de trabalhar a Língua Portuguesa, deixando o leitor bem informado sobre os acontecimentos na área das Letras, além de esclarecer dúvidas que causavam aos interessados em aprimorar sua linguagem um grande temor em errar na pronúncia e escrita da própria língua. Além disso, essa Revista tinha como objetivo preservar a imagem da Língua Portuguesa uma vez que as novas propostas modernistas assolavam o país, com a independência da língua brasileira.

Laudelino Freire considerado homem da letra, de incomum operosidade e profundo conhecimento dos painéis da Crítica e da Didática, segundo opinião do militar sergipano, conferencista literário e espiritualista, Heráclito de Oliveira Meneses, nasceu em Lagarto, a 26 de janeiro de 1876, filho de Felisbelo Firmo de Oliveira Freire e de D. Benta de Melo Góis Freire, tendo falecido no Rio de Janeiro em 18 de junho de 1937. Menino ainda fez o curso primário em Lagarto, com o professor Eutíquio Lins, e em Laranjeiras, com o mestre Baltazar Góis, do liceu Laranjeirence. Concluiu o curso chamado de preparatórios na Escola Militar do Rio de Janeiro, mas não seguiu carreira das armas, diplomando-se após pela faculdade Livre de Direito da então capital da República.

Formado, dedicou-se à advocacia, ao jornalismo, ao magistério, tornando-se pela pesquisa que realizou no campo de vernáculo, o maior filólogo do país. O patrimônio

cultural que deixou tão vasto e profundo reside efetivamente nas seguintes obras: Grande e Novíssimo dicionário da Língua Portuguesa, Sintaxe da Língua Portuguesa, Regras Práticas Para bem escrever, Verbos Portugueses, Graças e galas da Linguagem, Estudos de Filosofia e Moral, Introdução ao curso de Psicologia e Lógica, A defesa da Língua Nacional, Galicismos, Clássicos Brasileiros, Quadro Corográfico de Sergipe, Sonetos Brasileiros, Silvío Romero, Escritos Diversos, Ensaio de Moral, Os Próceres da Crítica, Um crítico e um poeta, Galeria Histórica dos pintores do Brasil, Geometria Prática, Livro de Camilo, Seleta Clássica Brasileira, e Notas e Perfis.

Pela categoria intelectual, na área das ciências, das letras e das artes, ocupou com justiça a cadeira nº 10 da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono Evaristo da Veiga, tendo sucedido ao grande Rui Barbosa. Ele presidiu em 1936 a Casa de Machado de Assis. Como jornalista colaborou com artigos magistrais nos órgãos da imprensa sergipana: O Republicano, Comércio de Sergipe, Estado de Sergipe, bem como em vários jornais da imprensa carioca. Fundou com duque Estrada a Revista da Língua Portuguesa, editando a partir de 1919 os 68 volumes onde abordava a cultura e o idioma nacional.

Na política a sua estréia foi brilhante, eleito a Assembléia Legislativa de Sergipana durante três legislaturas a partir de 1904, pronunciando eloqüentes discursos e emitindo o seu voto nas decisões legislativas com dignidade pessoal e independência moral. Embora nunca tenha saído do país, era portador de várias condecorações estrangeiras de países que reconheceram a sua obra, considerando-o um dos maiores pedagogos brasileiros de todos os tempos.

Figura humana das mais singelas, espírito de fina sensibilidade, Laudelino Freire apreciava a música e a dança, participando dos saraus e outras festas familiares do seu tempo. Deixou dois filhos de seu casamento: D. Rosinha e Laudelino Freire Júnior.

Laudelino Freire amava Sergipe e procurou em suas obras, enaltecer a cultura e as tradições de sua gente. Foi em vida um cidadão ilustre que honrou não só Sergipe, mas as letras nacionais.

QUEM FORAM OS COLABORADORES DA REVISTA DE 1920?

Mário Barreto

Nascido no Rio de Janeiro, em 17 de março de 1879, foi sua filiação: D. Ana Castelo Branco Barreto e Professor Fausto Carlos Barreto, um dos grandes mestres no Colégio Pedro II, o qual, com o clássico Carlos Laet, também professor do mais antigo e afamado estabelecimento oficial de ensino secundário. Publicou a conhecidíssima *Antologia Nacional*. Após os preparatórios, feitos no Colégio Militar, do qual veio a ser professor Catedrático de Português, estudou Direito, em que se bacharelou. Mas o diploma não o fez desviar-se da direção que havia tomado, atraído pelos estudos de filologia. Não era do seu gosto advogar senão a causa do vernáculo.

No Colégio Pedro II exerceu, também, atividades, como professor substituto. Ali, transmitiu valiosos ensinamentos, incluindo-se os de literatura. Seus trabalhos lingüísticos, publicados em livros, são os seguintes: Estudos da Língua Portuguesa, Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa, De Gramática e de Linguagem, Através do Dicionário e da Gramática, Notas de Leitura. Verteu e publicou, ainda, com anotações, as “Cartas Persas”, de Montesquieu. Em edição póstuma, feita pela EPASA, apareceram os seus “Últimos Estudos”, com apresentação de Cândido Jucá (Filho). Colaborou na imprensa diária do Rio de Janeiro (em “O Correio da Manhã e “O País”),

com artigos a respeito de linguagem, espontaneamente ou dando respostas a consulentes diversos. Outrossim, em órgãos especializados de divulgação, como sejam, “Revista de Filologia Portuguesa”, que dirigiu, por falecimento de seu fundador e primeiro diretor, Sílvio de Almeida, e “Revista de Língua Portuguesa”, matinha seção de consultas. Tinha Mário Barreto 53 anos de idade, quando uma bicicleta o atropelou, provocando a sua morte, em 9 de setembro de 1932. Ensinou durante a sua vida, tão preciosa para brasileiros e portugueses; depois, ficou lembrado nas obras que deixou, luzes de sabedoria, por onde se orientam tantos quantos precisam clarear o caminho de suas dúvidas. Era membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Mário Barreto conheceu os autores representativos de cada fase da língua. A maior parte de suas publicações responde a consulentes sobre problemas da língua. Por essa razão, a obra de Mário Barreto não representa um curso planejado e regular.

João Ribeiro

João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes nasceu em Laranjeiras / SE, em 24 de junho de 1860. Foi Jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor e tradutor.

Iniciou os primeiros estudos na cidade natal e completou o curso de humanidades no Atheneu Sergipense de Aracaju em 1880.

Em 1881 segue para o Rio de Janeiro, com o fim de completar os estudos.

Apaixonado pelos assuntos da filologia e da história, João Ribeiro desde cedo dedicou-se ao magistério. Professor de colégios particulares desde 1881, em 1887 submeteu-se a concurso no Colégio Pedro II, para a cadeira de Português, para a qual escreveu a tese “Morfologia e colocação dos pronomes”. Contudo só foi nomeado três anos depois, para a cadeira de História Universal. Foi também professor da Escola

Dramática do Distrito Federal, cargo em que ainda estava em exercício quando faleceu. A sua atividade no magistério ira se desdobrar com a do autor de uma vasta obra nas áreas da filologia, da historia e do ensaio. Escrevia então para A Semana, de Valentim de Magalhães, ao lado de Machado de Assis, Lucio de Mendonça e Rodrigo Octavio, entre outros. Ali publicou os artigos que irão constituir os seus Estudos filológicos (1902).

Bacharelou-se em 1894 em Ciências Sociais pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro e em 1896 foi á Alemanha, comissionado pelo Governador Federal, para o estudo da Instrução naquele e em outros países, representando no mesmo ano o Brasil na confederação de Dresde sobre a propriedade literária.

No ano seguinte, 1897, representou oficialmente o Brasil no Congresso reunido em Londres para a organização do catálogo Internacional.

Em Abril de 1911 foi nomeado para reger o ensino de sintaxe portuguesa do pedagogium. Em 1914 partiu para a Suíça fixando residência em Genebra, a fim de prosseguir nos seus trabalhos literários tendo regressado em setembro do mesmo ano.

João Ribeiro foi uma acentuada individualidade literária e uma das organizações mais bem adotadas da geração brasileira.

Tradutor admirável e filólogo distinto, publicou três gramáticas da língua portuguesa, correspondente aos três graus do ensino da língua, - primaria, media e superior os quais foram adaptados no ensino oficial.

Como poeta, tem outros trabalhos uma coleção de poesias que premiam pela pureza da linguagem e escrupulosa correção de forma. È também um prosador distinto, como se vê nos seus diversos artigos críticos e contos primorosos.

Membro do Instituto Filológico e Sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fez parte da Academia Brasileira de Letras (o primeiro sergipano eleito), tendo ocupado com brilho a cadeira de Luiz Guimarães Júnior.

Vale frisar a importância de João Ribeiro, pois era Possuidor de larga cultura humanística, versado nos clássicos de todas as literaturas, dotados de aguda sensibilidade estética, a sua figura representou bem a época, com o seu ceticismo irônico, materialismo e naturalismo. O livro páginas de estética, publicado em 1905, encerra o seu ideário crítico. Seu sentido estético o fazia inclinado a valorizar os aspectos técnicos, estruturais e formais da obra literária, embora fosse um crítico impressionista, com tendência à generosidade, tolerância e estímulo aos autores, sobretudo os novos.

João Ribeiro faleceu no Rio de Janeiro a 13 de Abril de 1934, coincidentemente numa clinica Hospitalar situada no bairro de Laranjeiras.

CONSULTAS

Mário Barreto inicia o segundo bimestre da seção de consultas com a seguinte fala:

“Aberta nesta Revista, a seção de Consultas, começaram logo a chover cartas e bilhetes postais em que cada um propõe as suas dúvidas, suas objeções, formula perguntas ou dirige observações. Cometeu-me o ilustre Director da Revista de Língua Portuguesa a resposta a algumas dessas cartas. Hoje responderei somente a uma delas, pois que para mais não me fica espaço, nem tempo, nem ócios. Densartemos, sem mais preâmbulos, as contas desse rosário”. (RLP, 1920:169)

Várias consultas em relação à Revista de Língua Portuguesa foram feitas. O consulente sr. Bernardino Tavares, por exemplo, escreve à redação solicitando a resposta a uma ladainha de dúvidas.

Uma delas refere-se ao emprego da preposição em e a em expressões, como “Vim passar o carnaval a Veneza ou em Veneza”. Para Mário Barreto, consultor responsável por esta seção, diz que a preposição a serve para indicar o lugar em que termina o movimento. O emprego de em pode ser explicado, considerando-se “em Veneza” como dependente, não do verbo de movimento, mas do outro que o acompanha, como por exemplo, “vim passar o carnaval em Veneza”, “vamos descansar em casa”. Ele ainda alerta que

“O certo porém, é que os escritores que com maior perfeição escreveram”

o idioma pátrio, não discrepou no emprego do a neste caso, e basta aproximar o complemento do verbo “ir” ou “vir” para se ver que a preposição é a... (RLP, 1920: 173)

Os exemplos dados por Mário Barreto são inúmeros, mas chama atenção para autores desses textos: Castilho, Manoel Bernardo, Frei Luís de Sousa, Felinto Elísio, Camilo Castelo Branco, etc.

O uso da preposição em, contudo, que expressa movimento, geralmente é encontrado com frequência em todos os textos mais antigos. Isto porque em latim, o vocábulo in denota movimento quando rege o ablativo. O in que se combina com o acusativo, por ad.(RLP, 1920:174)

Por este tipo de explicação, percebe-se que as justificativas eram baseadas na gramática latina e através da história da língua. Tanto é assim, que o nosso uso de em no lugar de a para indicar o lugar para onde ou termo de movimento tem a sua razão etimológica.

Uma outra dúvida em relação ao uso da preposição foi feita na revista publicada em março de 1920, ou seja, na segunda deste ano. Na frase “Em poucos dias terei o gosto de remeter-lhe o resto de seu pedido”, como explicar o uso da preposição em no seu começo? Quem responde é também Mário Barreto:

“Temos aqui um dos abusos da preposição em. O “dans” francês corresponde a “EM”, em português, salvo quando serve para exprimir espaço ou decurso de tempo. Dessa forma, o em só pode ser usado quando significar “dentro de” ou “daqui a”, conforme a coisa seja feita, “durante” esse intervalo ou “ao cabo dele”. Antigamente, era usada a locução dentro em, como, por exemplo, dentro em casa, dentro em duas horas; mas hoje, (isso em 1920), esta locução fora transformando por dentro de: dentro de uma cidade, dentro de um ano, etc.

Nesta mesma revista, o sr. Bernardino Tavares pede à redação para comentar acerca da obra “A Origem da Língua Portuguesa” de Duarte Nunes Lião. Também desta vez Mário Barreto o responsável pelos comentários. Para ele, apesar de no capítulo XI (Dos vocábulos que os Portugueses tomaram dos Franceses), o autor erra “amiúde” porque todas as palavras foram emprestadas pelo latim, ainda assim ele não põe em dúvida “a importância que tem o livro de Duarte entre os trabalhos relativos às origens e formação do Português”. (RLP, 1920:173)

Uma preocupação bastante comum nesta época é com o uso dos galicismos. Na frase: “Mais adiante voltas-te e tornas e tornas a ver o lago com a sua superfície unida”, tem-se a palavra unida com o sentido de liso, limpo, plano. Daí, nesse caso, ser ela considerada um galicismo. Mário Barreto, um defensor da língua, afirma:

“Nesta matéria vem prestar bons serviços aos amantes da pureza da língua o recém-publicado *Dicionário de Galicismos* do sr. Carlos Góis, que contém uma porção de artigos interessantes e que é mais um esforço fidalgo e

nobilíssimo para atalhar a invasão exótica em nossa literatura. Não está completo o léxico ou inventário do professor de português no Ginásio de Belo Horizonte, nem o poderá estar nenhum que se faça, pois a cada passo se descobrem novas barbaridades. Mas o que escreveu no seu volume basta a acreditar a sua erudição clássica patenteia o seu amor á língua materna e em meio do anarquismo literário (que também em literatura existem ácratas), representa um protesto viril e castiço”. (RLP, 1920:175)

Percebe-se que os galicismos eram uma luta árdua e constante. Chegava até ser uma ofensa ao bom uso da língua vernácula. Veja-se outro exemplo de galicismo a ser evitado: “Está a sua mesa encostada contra a parede”. Deve-se, no lugar de “contra a” usar a preposição a. A preposição francesa “contre” não deve ser traduzida por “contra”, mas por a, junto a, ao lado de, se indicar vizinhança.

E sobre o nome “protegedor”? Nos nomes com sufixo “dor”, tem-se formas duplas, o derivado português do lado do nome latino: “protegedor, produtor”, formas vulgares; e protector, produtor, formas eruditas. Isto, portanto, se explica o duplo uso deste vocábulo. Mário Barreto chama atenção, porém, para a formação do nome prestidigitador que, diferentemente do primeiro, forma-se a partir de dois radicais: “presto” e do latim “digitus” (dedo).

Outra dúvida diz respeito ao nome dado a quem nasce em Buenos Aires. Barreto responde que é bonarense, pois no latim é boni, aeres, daí a junção bonaerense.

E como se deve dizer: Terremoto ou terramoto? Para Barreto, deve-se dizer terremoto, pois seria mais interessante conservar na pronúncia o genitivo latino: terrae motus, unindo-se os componentes, terraemotus. Camilo castelo Branco e Rabelo da Silva, por exemplo, não usam o nome terremoto, mas sim, terramoto, esquecendo-se, assim do genitivo e pronunciando a palavra como se fosse um composto português.

A palavra “inclusive” também gerou dúvidas. Como explicar seu uso? Para Mário Barreto, as palavras: “inclusive” e “exclusive” são advérbios, não adjetivos. Não se deve, portanto, usa-las no plural uma vez que os advérbios são palavras invariáveis. Para ele, “cair nesta imperdoável transgressão é ignorar os preceitos mais vulgares de uma gramática correta. Em português usamos vários advérbios e locuções adverbiais latinas, tais como: grátis, a priori, inclusive, item, ínterim, ipso facto, máxime, cálamo corrente, némine discrepante etc..., etc... Se não querem inclusive, que é palavra latina, digam inclusivamente”.

Respondendo ao consulente Rui Gomes de Azevedo sobre formação de palavras, uso dos sufixos terminados em ear e ejar, diz que são da mesma origem ou seja, do Latim, daí resulta em verbos com duas terminações: manear e manejar, branquear e branquejar, gotear e gotejar, purpurear e purpurejar, etc. Que são verbos da mesma origem os dois sufixos também se vê comparando os verbos castelhanos que têm o sufixo ear com os seus correspondentes portugueses, os quais terminam em ejar com o j palatal: branquear, gotear, cast., e branquejar, gotejar, português.

Uma outra dúvida do sr. Rui é o emprego de preposições na seguinte frase: fazes mal em falar mal dos homens de bem ou fazes mal de falar...? Expõe o colaborador que as locuções fazer bem, andar mal e outras de mesmo sentido, junta-se ao infinitivo simples precedido de em.

Respondendo ao sr. Bernardino de Azevedo, Mário Barreto explana ainda sobre vocábulos da mesma forma das outras respostas, esclarece com precisão o correto entre faustoso e faustuoso que são formas vulgares desde o latim. O correto seria fastuoso, derivada de terminações eruditas da quarta declinação.

No último bimestre deste ano (1920), o próprio Laudelino Freire atende a um sr. identificado somente pelas iniciais J. F., que pede explicação acerca da frase “...cujos

olhos banhados de fel pareciam não lhe caberem nas órbitas...”. Diz o diretor – consultor que a construção verbal está irregular, pois resultam outras duas construções, onde os verbos são usados corretamente: pareciam não caber, ou parecia não lhe caberem.

O sr. Walter Peter pergunta se a palavra correta é estada ou estadia: estada, de estar com sufixo ada, como os outros participios passados femininos usados como nomes: a chegada, a levada, a tornada, a ficada, etc. Ainda pergunta se está certa a frase: “Todos desejam sabe quem foram e são os inimigos da plebe”. Certíssima, responde Laudelino, pois o sujeito de foram e são vem a ser os inimigos da plebe, e quem, que se pode decompor em aquele que ou a pessoa que, é adjunto.

Um outro consulente pergunta sobre o uso do artigo definido o diante de designação de um título “Ao vencedor oferece o almirante Pereira”. Como diz Cândido Figueiredo, não é normal dispensar o artigo diante de designações, mas se acontecer de o o ser variação pronominal, não merece atenção .

Carmo de Rio Claro, em Minas Gerais, é que vem o pedido para que se condense uma regra sobre o infinitivo pessoal. Laudelino freire considera aa proposta como sendo algo impossível, aconselhou o leitor a consultar os mananciais onde ele poderia obter seus esclarecimentos:

“O serviço que por hora lhe podemos prestar é o de indicar-lhe os mananciaes onde, neste assumpto póde haurir boas lições: RUY, Réplica: MARIO BARRETO, Novos Estudos: CARLOS GÓIS< Syntaxe de Concordância; SAID-ALI, Diff da língua Portuguesa; SILVA TULLIO, Estudinhos; FRANCISCO BARATA, Estudos da Língua Portuguesa,; EPIPHANIO DIAS, Gram. Port. elementar e Syntaxe hitorica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a seção de consultas da Revista de Língua Portuguesa (1920), percebe-se a preocupação dos leitores da época em errar e serem consideradas vulgares suas construções frasais, sejam elas orais ou escritas; e o interesse dos estudiosos e escritores de convencer, ou conscientizar a sociedade para não fugirem da norma culta.

Em muitas respostas, os consultores, como Mário Barreto chega a agredir aos usuários de algumas expressões que não estavam de acordo com o que acham sobre a norma culta. Ele tem certeza, em relação ao uso abusivo de expressões populares ou galicismos, que “nenhum aspirante a escritor vernáculo os empregaria”.

Em outros momentos, assim ele começa responder: “Isto parece-me sobrecarga ou repetição desnecessária, sem mérito nem graça...” ou ainda “Muitos que não conhecem o latim senão de **outiva**, empenham-se em exaltar os seus escritos com palavras e frases do idioma de Cícero e Virgílio. Tão grande é a indolência e descuido que até essas frases já consagradas pelo uso... se vêem a cada passo estropeadas”.

Vê-se portanto, que este espaço servia não somente para tirar dúvidas, mas para atacar ferozmente aqueles que ousassem utilizar expressões que não estivessem de acordo com os preceitos “morais” e “éticos” da língua portuguesa culta e pura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Laudelino de Oliveira. Revista da Língua Portuguesa, 1920.